

A LINGUAGEM DOCENTE COMO PROMOTORA DE AMBIENTES SAUDÁVEIS NOS CONTEXTOS DE ENSINO APRENDIZADO

TEACHING LANGUAGE AS A PROMOTER OF HEALTHY ENVIRONMENTS IN THE CONTEXTS OF LEARNED TEACHING

EL LINGUAJE DOCENTE PROMOTORA DE AMBIENTES SALUDABLES EN LOS CONTEXTOS DE ENSEÑANZA APRENDIZAJE

Claudio Schubert¹
Dóris Cristina Gedrat²
André Guirland Vieira³
Gehysa Guimarães Alves⁴

Resumo

O presente ensaio teórico tem por objetivo refletir sobre a capacidade que o professor tem em produzir uma linguagem racionalmente elaborada e, assim, contribuir para o desenvolvimento de ambientes saudáveis na escola. A análise tem como foco a linguagem, especialmente a falada, na relação professor e aluno. O presente estudo revela que no processo de ensino aprendizagem existe uma presença marcante da racionalidade unidirecional centrada no professor. A análise de três fatos noticiados pela mídia e repercutidos pelas redes sociais ilustra a tensão que se instalou na instituição educação e mostra que um novo paradigma, o que busca a consensualidade, se faz necessário. Essa nova forma de organizar o ambiente educacional é fortemente reivindicada pela Organização Mundial de Saúde, com a proposta da Escola Promotora da Saúde.

Palavras-chave: ESCOLA PROMOTORA DA SAÚDE; DOCÊNCIA; COMUNICAÇÃO.

Abstract

This theoretical essay is about human capacity to produce a rationally elaborated language thus creating healthy or unhealthy environments. An analysis is made focusing specially spoken language in the teacher-student relation. The study reveals that in the teaching and learning process there is an emphatic presence of the unidirectional rationality centered on the one who teaches. Three facts that appeared on the media are analyzed and illustrate the tension established in educational institutions, which shows that a new paradigm that searches consensuality is needed. This new form of organizing the educational environment is strongly claimed by the International Health Organization, with Health Promoting School program.

Keywords: Health Promoting School; Communication; Language.

Artigo Original: Recebido em 06/11/2019 – Aprovado em 30/06/2020

¹ Doutor em Educação pela UFRGS. e-mail: claudioschubert1@gmail.com (autor correspondente)

² Doutora em Linguística Aplicada, docente no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Luterana do Brasil. e-mail: doris.gedrat@ulbra.br

³ Doutor em Psicologia pela UFRGS, docente no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Luterana do Brasil. e-mail: agvieira2010@gmail.com

⁴ Doutora em Educação pela PUC-RS. e-mail: gehysa.alves@gmail.com

Resumen

Este ensayo teórico tiene como objetivo reflexionar sobre la capacidad que el docente tiene en producir un lenguaje bastante elaborada y así contribuir al desarrollo de ambientes saludables en la escuela. El análisis se centra en el lenguaje, sobre todo en la lengua hablada y en la relación profesor-alumno. Este estudio revela que el proceso de enseñanza-aprendizaje hay una fuerte presencia de la racionalidad unidireccional centrada en el profesor. El análisis de tres hechos reportados por la mídia y pasado a través de las redes sociales ilustran la tensión que se ha desarrollado en la institución educativa y muestra que un nuevo paradigma, el que busca la consensualidad se requiere. Esta nueva forma de organizar el entorno educativo está fuertemente reivindicada por la Organización Mundial de la Salud, con la propuesta de la Escuela Promotora de la Salud.

Palabras clave: Escuela Promotora de Salud; El Lenguaje; La Comunicación.

1 Introdução

A Organização Mundial de Saúde, com a proposta da Escola Promotora da Saúde, buscou fortalecer e ampliar a colaboração entre os setores da educação e da saúde, articulando valores éticos (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007) e estimulando o processo democrático a ser utilizado como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades pessoais necessárias para uma vida saudável (MS, 2002; CORDEIRO, 2008). Nesse sentido, o conjunto de mudanças ocorridas na adolescência pode trazer sérias implicações para a vida dos jovens (PAIVA; RODRIGUES, 2008) e a escola deve ser vista como um espaço produtor da saúde, promovendo a educação integral, desenvolvendo habilidades pessoais, garantindo ambientes saudáveis e protetores e desenvolvendo ações que reforcem o bem viver. Em função da importância do tema, este estudo visa refletir sobre a escola como espaço de produção da saúde e a importância da adesão aos princípios da escola promotora da saúde. Esta escola deve possibilitar a construção de um ambiente de aprendizagem saudável e eficaz para o aluno, com enfoque especial na linguagem utilizada em sala de aula ou em outros espaços do ambiente escolar.

Em parte movidos pelo interesse profundo nos estudos da linguagem e da comunicação humana, em parte pela preocupação no que concerne aos ambientes saudáveis de ensino e aprendizagem (SCHUBERT; GEDRAT, 2016 e ALVES, 2006), decidiu-se dar atenção a esses dois temas em conjunto. Não para surpresa, mas como evidência da importância e atualidade desse objeto de estudo, deparou-se com alguns casos trazidos pela mídia,

que ilustram a força da repercussão que tem o modo como ocorre a comunicação entre professor e aluno e, em especial, a linguagem utilizada pelo professor, uma vez que ele é o que conduz, em primeira mão, esse processo de interação. Assim, este artigo tem por objetivo refletir sobre a capacidade que o ser humano, no caso, o professor, tem para produzir uma linguagem racionalmente elaborada e, assim, contribuir para o desenvolvimento de ambientes saudáveis na escola.

Para tanto, o artigo organiza-se da seguinte forma: a primeira parte busca nas bases da filosofia a fundamentação a respeito da linguagem como criadora de realidades do indivíduo. A partir da noção de que a linguagem cria e recria realidades, na segunda parte do texto, busca-se aporte da linguística e da comunicação quanto ao papel central da linguagem nas relações sociais, destacando o contexto educacional. Finalmente, em terceiro lugar, analisam-se fatos ocorridos nos anos de 2015 e 2016 em ambientes educacionais, que demonstram como a linguagem interfere nas relações entre professor e aluno, podendo ser utilizada para promover ou inibir a construção de ambientes saudáveis nas situações de ensino e aprendizado.

2A linguagem como criadora de realidades

O filósofo Aristóteles (384 e 322 a.C), que viveu na Grécia no período da Filosofia Antiga, entre os diferentes escritos que desenvolveu, pode nos auxiliar a compreender o tema da linguagem nas relações interpessoais. Ele é um dos primeiros pensadores a caracterizar, de modo seminal, o ser

humano por meio da linguagem. No início de sua obra chamada *A Política* ele busca conceituar o homem como um ser social e faz isso por meio do potencial racional que compreende existir na linguagem humana. Para fazer essa caracterização, o filósofo faz um comparativo entre os homens e os animais. Diz ele que o homem, como um ser sociável, tem a capacidade de externar a palavra racionalmente elaborada, enquanto os animais emitem somente determinados sons (ARISTÓTELES, 2009).

Com a emissão de seus sons (*phone*), os animais exprimem os sentimentos instintivos como dor, raiva, prazer, alegria, fome, desconforto. Assim, também a comunicação é necessária para viabilizar as formas de organização, como no caso das abelhas, formigas e animais que vivem em coletividade, e que seguem uma linguagem natural. Algo distinto acontece com o ser humano, pois o homem tem o som, ou seja, a voz (*phone*) e a palavra (*lógos*) racionalmente elaborada. Deste modo, o ser humano se distingue dos animais, pois a palavra pensada (*logos*) é criadora de ambientes, relações entre os grupos sociais, fomenta a organização política e os conceitos de justiça e ética, expressando-se numa diversidade de sentidos (ARISTÓTELES, 2009).

Esses sentidos criam estilos de vida que são refletidos, fortalecidos e intercambiados em todos os setores da sociedade e especialmente no ambiente escolar. No caso da escola, a construção, mudança ou fortalecimento de hábitos ocorre fundamentalmente por meio da linguagem, o que pode promover ou não uma melhor qualidade de vida.

Na sociedade brasileira, normalmente as mudanças ou adaptações a novos paradigmas fundamentalmente acontecem pela imposição de uma autoridade superior ou por uma relação dialógica envolvendo as partes interessadas. No universo da educação, a imposição de regras e normas oriundas de uma autoridade superior, à qual o aluno precisava se adaptar, foi a característica marcante da relação estabelecida no ambiente escolar. Foi com uma linguagem, muitas vezes autoritária, que a tradição escolar desenvolveu que gerou, em muitos momentos, desconfortos e inclusive enfermidades na vida do aluno e seu posterior desenvolvimento. Travaglia (2007), analisando diferentes formas de ensinar a língua

portuguesa, menciona o ensino do tipo prescritivo, o qual objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguística, considerados errados ou inaceitáveis por outros considerados corretos e aceitáveis.

A tendência contemporânea busca especialmente por meio da linguagem participativa, formular consensos (HABERMAS, 2011), considerando todos os envolvidos como sujeitos e participantes deste processo. Se considerarmos a compreensão aristotélica de que a palavra cria situações, contextos, relações, qualidade de vida ou a desestimula, torna-se fundamental o envolvimento do aluno no processo de construção do ambiente escolar nos mais diferentes aspectos que o envolvem na sua ação educacional.

A realidade brasileira mostra que um novo paradigma na relação entre a instituição, professores e alunos está se impondo nesse momento da história. Na visão unidirecional, na qual os adultos determinam como as crianças e jovens devem pensar, agir e se comportar (ROUSSEAU, 2014), cria-se um ruído de comunicação. É nessa direção que Habermas (2011) propõe a ação comunicativa de modo consensual. Segundo ele, todos os envolvidos num determinado processo devem participar na discussão dos temas que com eles têm relação, o que significa considerar que a palavra com sua capacidade racional (*logos*) e com a emissão do som (*phone*) tem o poder de criar ambientes saudáveis ou inibidores da saúde no universo educacional. Nesse aspecto, o pensamento aristotélico é extremamente atual, pois na contemporaneidade a saúde é compreendida como o bem-estar físico e mental e não somente como a ausência de alguma moléstia. Isso significa fortalecer, por meio da linguagem, o paradigma da promoção da saúde, da pessoa e da coletividade nos diferentes ambientes, especialmente no escolar. A linguagem tem assim o poder de criar harmonia ou ruídos na comunicação entre as pessoas, proporcionando ambientes saudáveis ou nem tanto.

Talvez seja por isso que Rousseau (2008) acreditava que o homem se desenvolve tanto para a utilização da linguagem de modo positivo como destrutivo, diferentemente dos animais, que a usam para externar seu instinto. Esse é o poder criador do homem pela palavra, enquanto os animais repetem os sons segundo os desígnios que a natureza lhes

deu. Assim, pode-se perceber que, ao utilizar-se da palavra, o homem pode tanto expressar o bem quanto o mal, o justo ou o injusto, criar verdades ou mentiras, construir ou destruir, animar ou desanimar, surpreender ou frustrar, construir um clima saudável ou doentio, prezar a vida ou a morte (ROUSSEAU, 2008). Sabe-se que as palavras podem esclarecer ou enganar, construir ou destruir, revelar ou esconder, seduzir e influenciar os interlocutores. Assim, o ser humano tem o poder e a capacidade de, no ato comunicativo, focar sua ação para diversas direções. O único caminho que faz sentido, no entanto, é aquele que constrói vida e promove a saúde no seu sentido mais amplo e profundo. A análise da linguagem no ambiente escolar, no aspecto de sua influência na construção de realidades, está presente nos padrões, paradigmas e compreensão cultural em que o aluno está inserido e que estabelecem a relação deste com o mundo e com o ambiente escolar (FOCESI, 1990). É nesse sentido que a linguagem tem um papel importante na construção de ambientes que promovem a saúde na instituição educacional. Inevitavelmente, as relações interpessoais acontecem por meio de atos comunicativos e quanto mais salutares forem as mensagens oriundas das diferentes emissões que se fazem presentes no ambiente escolar, maior será a valorização das partes que formam o todo (MÜHL, 2011).

3A linguagem do cotidiano e seu papel nas relações sociais

Segundo Schegloff (2006), a interação é a encarnação primária e fundamental da sociabilidade – o lugar primordial da sociabilidade. Desse ponto de vista, as raízes para a sociabilidade humana referem-se àqueles fatores da organização da interação humana que possibilitam a flexibilidade e a robustez que permitem a essa interação manter a infraestrutura. Esta suporta a macroestrutura das sociedades no mesmo sentido em que estradas e ferrovias servem como infraestrutura para a economia, e que sustenta todas as instituições tradicionalmente reconhecidas das sociedades e a vida de seus membros.

Ao refletirmos sobre as atividades concretas que formam essas instituições abstratas – a economia, a política (sistema de governo) e as instituições para a

reprodução da sociedade (namoro, casamento, família, socialização e educação), a lei, a religião e assim por diante –, conclui-se que a interação – e a fala em interação – é figura central a todas elas. Na medida em que se as macroestruturas mais poderosas da sociedade se desmoronam, o que sobra é a interação (SCHEGLOFF, 2006).

A linguagem é a forma de interação que mais diferencia os humanos. As pessoas conversam em turnos, o que forma sequências regulares pelas quais cursos de ação são desenvolvidos; elas lidam com problemas transitórios da fala, audição e compreensão na conversa e reiniciam a interação mantendo seu curso; elas se organizam para permitir que histórias sejam contadas; elas preenchem ocasiões com interação desde saudações iniciais até as finalizações e partem de maneira metódica, seguindo uma ordem. Nesse sentido, a interação deve ser robusta o suficiente para sustentar a ordem social (SCHEGLOFF, 2006).

Com base nas palavras de Schegloff (2006), pesquisador da análise da conversação numa perspectiva etnometodológicaⁱ, destaca-se a escola como um local de interação no qual a organização da interação entre professor e aluno também deve ser robusta, flexível e autossustentável, a fim de sustentar a ordem, considerando que uma das diretrizes da ordem seja que a interação entre aluno e professor vise à saúde em suas relações.

Sendo a linguagem o meio de interação aqui enfocado, e considerando que a escola que promove a saúde do aluno e visa a vida de relações, é fundamental que essas interações sejam saudáveis em todas as situações de ensino e aprendizagem. Neste sentido, na interação entre professor e aluno a linguagem coopera no sentido de que a instituição seja sustentada. Espera-se que a conversa, através da qual as pessoas realizam ações, revele interesses mútuos e tenha como objetivo o crescimento do aluno em todos os aspectos da saúde: físicos, intelectuais e emocionais (SCHEGLOFF, 2006).

Duranti (1997) aponta que teóricos sociais, como Bourdieu, enfatizaram a importância da linguagem não como um sistema autônomo – como propuseram os estruturalistas – mas como um sistema que é definido ativamente por processos sociopolíticos, incluindo instituições burocráticas, tais como as escolas (BOURDIEU; WACQUANT, 1992,

BOURDIEU; PASSERON; SAINT MARTIN, 1994). Para Bourdieu, não se pode discutir uma linguagem sem considerar as condições sociais que permitem sua existência. Por exemplo, é o processo de formação do estado que cria as condições para um mercado linguístico unificado no qual uma variedade linguística adquire o status de língua padrão. Uma linguagem apenas existe como um *habitus* linguístico, a ser compreendido como sistemas recorrentes e habituais de disposições e expectativas.

Uma linguagem é um conjunto de práticas que implica não apenas um sistema particular de palavras e regras gramaticais, mas também uma luta frequentemente esquecida ou escondida sobre o poder simbólico de uma forma particular de comunicação, com sistemas particulares de classificação, formas particulares de referência e endereçamento, léxico e metáforas especializadas. O que é frequentemente esquecido por linguistas e filósofos que enfatizam o poder das palavras para se fazerem coisas é que uma certa expressão linguística pode realizar uma ação (como pedido, oferta, desculpas) apenas à medida em que haja um sistema de disposição, um *habitus*, já compartilhado na comunidade. Segundo o Bourdieu (1982), tais sistemas, reproduzidos pelos atos de fala diários, são organizados e recebem significado por instituições como a escola, não apenas estabelecida para excluir outros sistemas, mas também para manter os que nela já existem sob controle, para certificar-se de que os atos que realiza e o significado atribuído a esses atos mantenha-se dentro de um domínio aceitável. A escola, no que tange à linguagem, aparece como uma das instituições que pretende manter sob seu controle os sistemas já existentes em si e permitir que se realizem apenas atos cujo significado permaneça no domínio por ela aceitável. Novamente, uma noção de ordem que deve ser sustentada e deve se autossustentar. Bourdieu atribui os significados dos atos de fala a um *habitus* social, compartilhado pela comunidade, na qual uma das instituições é a escola (BOURDIEU, 1982).

Essa ideia é importante para uma escola que não almeja apenas centrar-se na aprendizagem de conteúdos por parte de seus alunos, mas também pretende que eles desenvolvam habilidades para seu bem viver, incluindo as relações saudáveis, pois são sistemas, ou atos de linguagem que possibilitam o

desenvolvimento de tais habilidades. Dentre as habilidades necessárias para o bem viver, salientam-se as sociais e interpessoais, que incluem a comunicação, a capacidade de dizer não, o manejo da agressividade e o incremento da empatia; as cognitivas, que auxiliam na tomada de decisões, no pensamento crítico e na autoavaliação; e as que auxiliam no manejo das emoções, como o estresse (OPAS, 2001, MINTO et al., 2006).

Na continuidade deste texto, serão analisadas ocorrências em que a ação comunicativa em situações de ensino e aprendizagem e a linguagem utilizada nas interações professor e aluno não contribuem com os objetivos de uma escola ou universidade que vise, entre outros benefícios para o aluno, sua qualidade de vida, incluindo o desenvolvimento da ética e de relações saudáveis.

4Linguagem na relação professor e aluno: evidências da realidade

Segundo a Organização Panamericana da Saúde (OPAS, 1998), a promoção da saúde na escola faz parte de uma compreensão integral de ser humano quanto ao seu processo de aprendizagem, que considera as pessoas, em especial as crianças e os adolescentes, dentro de seu entorno familiar, comunitário e social. As escolas que contam com um prédio seguro e confortável, com água potável e instalações sanitárias adequadas e uma atmosfera psicológica positiva para a aprendizagem, que fomentam o desenvolvimento humano saudável e as relações humanas construtivas e harmoniosas, que promovem as atitudes positivas em direção à saúde são consideradas Escolas Promotoras da Saúde.

Na atualidade, em muitos momentos, as gerações mais jovens querem seu espaço na discussão sobre o modo como a convivência no ambiente escolar deveria acontecer no dia a dia. Entre a normatização existente da instituição escolar que, via de regra, segue uma compreensão tradicional, na qual o professor manda e o aluno obedece, instala-se o desejo das gerações mais jovens de ter voz ativa na construção do ambiente educacional. Esse fato facilmente cria tensões, especialmente com as gerações adolescentes. Para compreender o período contemporâneo, Bourdieu (1982) nos auxilia na reflexão quando diz que as análises em relação à

linguagem devem considerar o contexto e as especificidades que fizeram surgir sua existência.

É nesse sentido que, na continuidade, serão descritos três fatos noticiados pela mídia e repercutidos nas redes sociais que servem para ilustrar a tensão que se instalou em diferentes ambientes educacionais. Esses fatos refletem, por meio das diferentes linguagens midiáticas, os processos políticos, sociais e as mudanças paradigmáticas que a sociedade brasileira vive e em especial nas instituições educacionais. Assim, podemos perceber que a instituição educacional, como a sociedade em geral, passa por transformações que podem ser percebidas nas relações que se estabelecem na escola (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, BOURDIEU; PASSERON; SAINT MARTIN, 1994). Importa esclarecer que, nesta análise, compreende-se a linguagem como meio de interação dos grupos que formam o ambiente escolar levando em consideração o que as diferentes manifestações linguísticas buscam representar nos atos de fala dos diferentes atores nos exemplos citados. Isso significa que, neste específico, consideram-se as relações existentes entre os atores em interação por meio da linguagem (MÜHL, 2011).

Como primeira ilustração, aponta-se um fato que se sucedeu num colégio em Porto Alegre – RS, onde um percentual de alunas e apoiadores de um colégio se rebelaram contra aquilo que entendiam ser um cerceamento de sua liberdade individual no modo de se vestir. O fato teve repercussão e tomou espaço na mídia e um jornal local publicou em uma das suas manchetes o seguinte enunciado: “Abaixo assinado de alunas do Colégio XX ‘Vai ter shortinho sim’ já conta com cerca de 4 mil apoiadores”ⁱⁱⁱ. Pelo tamanho da repercussão, o jornal expôs o ruído de comunicação existente entre a forma que a instituição compreende como deve ser o modo de se vestir das alunas e a compreensão que parte delas tem de como querem se vestir na escola. É possível compreender que a discussão em torno do shortinho é bastante simbólica, isto é, não se esgota no assunto em questão, mas aponta para os processos sociais e políticos existentes na instituição educação que deveriam ser rediscutidos (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, BOURDIEU; PASSERON; SAINT MARTIN, 1994). Além disso, esse fato mostra a existência de uma racionalidade

instrumental, que visualiza somente os resultados finais, mas não faz a reflexão necessária da tensão existente entre as partes e o que está por detrás do fato que se evidencia como conflito. Exemplificando, pode-se dizer que a discussão em torno do shortinho revela a ausência de diálogo entre as grandezas que formam a instituição educação como um todo. Pode-se perceber que esta tensão se faz presente nos diferentes âmbitos da sociedade, na qual o pensamento utilitarista pré-estabelece os papéis que devem ser seguidos pelos diferentes segmentos sociais (ORDINE, 2016). É por isso que, segundo Habermas (2011), diante de ruídos na comunicação, impasses e conflitos, é fundamental que uma racionalidade que tenha no seu âmago a busca pela consensualidade seja instalada e acionada.

A necessidade de buscar um maior estreitamento entre os grupos que formam o todo do ambiente escolar é um meio que facilmente pode promover ambientes saudáveis nas escolas. Sabe-se que o conceito de ambiente saudável extrapola a discussão saúde-doença, estando este cada vez mais focado no modo como as sociedades se organizam, constroem a reinterpretam os ambientes socioculturais, com as necessidades de cada grupo social, seus direitos e deveres à qualidade de vida (FOCESI, 1990).

Temas como esse revelam a necessidade de que a instituição de educação tenha de criar novos paradigmas na relação entre os grupos sociais que convivem no ambiente escolar. Essas relações, é importante que se diga, devem ser construídas com base numa racionalidade que se fundamenta na busca pelo entendimento. A pretensão das partes envolvidas no ruído, tensão ou conflito, deve ser a de estabelecerem o entendimento e não a de estarem imbuídas de uma racionalidade estratégica o qual cada um busca convencer ou derrotar o outro. A racionalidade que pretende o entendimento e, assim, contribui para a criação de ambientes saudáveis, funda-se no argumento dialógico racionalmente sustentável (HABERMAS, 2011; FOCESI, 1990).

Um aspecto importante é notar como a linguagem pode revelar tensões existentes nos pensamentos construídos sob uma racionalidade unidirecional, especialmente o que nos interessa no universo da educação, mais especificamente na relação professor aluno. Como segunda ilustração desta tensão que a linguagem facilmente revela, cita-

se um fato ocorrido em uma Universidade de Porto Alegre – RS, durante o processo de ensino aprendizagem em sala de aula. Este fato mostra a necessidade urgente de uma revisão conceitual da prática e atuação docente. O incidente aconteceu em sala de aula e ganhou repercussão na mídiaⁱⁱⁱ. A piada que um professor teria contado é que “as leis são como as mulheres, foram feitas para serem violadas”, querendo, com isso, ilustrar um assunto em questão.

O fato que gerou contestação de alunos na sala, ganhou espaço nas mídias sociais e fez a direção da Universidade se posicionar sobre o assunto. Sem analisar o fato em si, mas o processo linguístico nele presente, percebe-se que a base sob a qual certo percentual de docentes constrói sua linguagem e apoia sua visão de mundo é de uma racionalidade autoritária (MÜHL, 2011). Por outro lado, comentários com essa conotação revelam a necessidade urgente de uma atualização conceitual junto a certo percentual de docentes, pois estes demonstram apoiar-se numa linguagem pouco profissional no exercício da docência. Esta é uma racionalidade apoiada em paradigmas do mundo do sistema que buscam determinados objetivos previamente estabelecidos. Para isso, utiliza-se de uma linguagem instrumental que tem como características mais evidentes dominar, subjugar e sujeitar o interlocutor. O poder de mando e a necessidade de obediência formam os dois lados da relação (HABERMAS, 2011; MÜHL, 2011).

Uma terceira ilustração desta tensão existente nas instituições de ensino, especialmente na relação professor aluno, é evidenciada pelas diferentes linguagens nas inter-relações e sintetizada com a manchete do jornal: “Página que reúne denúncias de assédio de professores recebe 600 relatos em três dias”^{iv}. Jovens, especialmente do sexo feminino, contam, segundo as autoras dos relatos, fatos verídicos de situações de abuso que teriam sofrido especialmente quando cursavam o Ensino Médio e Fundamental. Esta realidade, que é fomentada pela cultura machista presente na sociedade ocidental e revela, independente da maior ou menor veracidade de um ou outro relato, uma grave distorção existente em ambientes educacionais, que mostra situações de enfermidades sociais. Evidencia de maneira gritante a ausência da promoção da saúde escolar (OPAS, 1998; PELICIONE; TORRES, 1999). É uma

situação insustentável, especialmente, segundo sugere a página acima citada, em se tratando de jovens com idades para frequentar instituições fundamentais ou de ensino médio. A instituição Educação, e mais especificamente os professores, representam grandezas com forte influência na formação do jovem, especialmente na construção de seus referências e paradigmas. O docente que desatende da sua representatividade ética não desempenha a função de mestre, como o relato citado aponta, incorre num grave deslize ético em relação ao seu papel de educador. Sabe-se que para desenvolverem-se de modo saudável, os indivíduos, especialmente na idade da adolescência, precisam de ambientes saudáveis e esses ambientes devem ser proporcionados por toda a comunidade escolar. No entanto, cabe ao professor em sala de aula reforçar a necessidade de relações saudáveis, oferecendo-se como exemplo para seus alunos. No entanto, muitas vezes, como nos casos citados, são eles que rompem com o discurso ético e promovem o acirramento das relações e opiniões. Neste caso, essas escolas não promovam ambientes saudáveis e para promover a saúde é fundamental o desenvolvimento de ambientes saudáveis (MYNAIO, 2014).

Nos ambientes educacionais, os professores desempenham um papel com influências marcantes. Assim, os ambientes físicos, psicológicos, sociais e especialmente a atribuição de significados a certas manifestações são extremamente centrais na ideia da saúde quando o tema se refere a jovens adolescentes, que estão construindo o seu universo existencial. Nesse sentido, é possível dizer que a criação de ambientes saudáveis ou de enfermidades é fruto das relações decorrentes de atitudes que se estabelecem nos meios físicos, sociais e culturais (MYNAIO, 2014).

Além das questões acima citadas, há ainda outro aspecto importante e que interfere no ambiente escolar, desdobrando-se num clima mais ou menos favorável ao aprendizado: o sentimento de pertencimento. Essa sensação de sentir-se pertencente à instituição escola, tantopara os alunos quanto para os professores, tem uma grande contribuição na construção de ambientes que promovem a saúde (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1996). Pode-se perceber que a linguagem revela, em boa medida, se o sujeito se sente

participante do processo e o grau de pertencimento que tem em relação à instituição onde estuda.

É possível apontar que a instituição Educação tem, em muitos momentos, dificuldades em refletir sobre a possibilidade de deslocar sua ação de uma visão mais unidirecional para uma ação participativa que possa promover a saúde. Via de regra, acontece um recrudescimento institucional ou uma tolerância exagerada, especialmente por parte da ação do professor em sala de aula. Novamente se percebe, por meio da linguagem na ação docente, o modelo de racionalidade que o professor tem como base de reflexão e atuação (MÜHL, 2011).

A análise dos fatos relacionados à linguagem na interação professor aluno, acima citados, infelizmente não indica tendência para a construção de relações saudáveis no ambiente escolar. Conforme destacado, tais relações não são construídas com base numa racionalidade voltada para a busca do entendimento (HABERMAS, 2011). Para sustentar a ordem social, a organização da interação deve ser robusta, por um lado, e flexível, por outro. Não é isso que a linguagem do professor, nem, conseqüentemente, do aluno, demonstram nesses episódios. Tampouco a interação pela linguagem revela interesses mútuos, tais como o crescimento do aluno em todos os aspectos da saúde: físicos, intelectuais e emocionais.

Assim, segundo Bourdieu (1982), os atos de fala são organizados e recebem significado por instituições tais como a escola para manter os sentidos que já existem e para certificar-se de que o significado atribuído a esses atos mantenha-se dentro de um domínio aceitável. Considerando os fatos analisados, ou essa orientação não está sendo seguida, ou os significados que se pretende manter são muito equivocados e não visam às habilidades necessárias para o bem viver, entre as quais salientam-se as sociais e interpessoais, que incluem a comunicação, a capacidade de dizer não, o manejo da agressividade e o incremento da empatia, além das cognitivas, entre as quais salientam-se as que auxiliam no manejo das emoções, como o estresse (OPAS, 2001, MINTO et al., 2006).

Situações como as descritas acima demonstram a existência de ruídos nas relações entre docentes e alunos, pois estão apoiados em racionalidades inibidoras da saúde como ação comunicativa

estratégica presente nas interações. Por isso, é preciso que os professores e a comunidade escolar utilizem racionalidades promotoras da saúde como, por exemplo, a ação comunicativa que leva à consensualidade ou que respeita a diversidade (HABERMAS, 2011).

4 Considerações finais

Pela análise do tema estudado, é possível constatar que os ruídos de comunicação existentes nas instituições escolares revelam, por meio das diferentes linguagens, a existência de situações conflituosas, sendo essas graves ou mais brandas. Esse clima com linguagens autoritárias constrói ambientes desfavoráveis ao aprendizado e à promoção da saúde escolar. Sabe-se que a escola é o lugar por excelência no qual o aluno desenvolve suas habilidades que vão auxiliá-lo na inserção social e na sua constituição como.

Os paradigmas unidirecionais que se mantêm na estrutura conceitual da instituição educacional revelam o poder que os adultos têm sobre o direcionamento dado às crianças e jovens. Praticamente sempre os adultos entendem saber o que é bom ou não para os jovens e inexistente aquilo que é central na compreensão do ser humano: ver uma criança ou jovem como ela é na fase em que se encontra. São estruturas mentais excludentes que não criam espaço para a dialogicidade, pois pertencem a uma mentalidade unidirecional e reducionista, totalmente contrária à construção de ambientes saudáveis.

A escola promotora da saúde tem como proposta fortalecer todos os aspectos que constituem o ser humano em desenvolvimento. Os princípios éticos são referências importantes para serem observados e vividos no conjunto de valores que habitam no ambiente escolar, na ideia da formação integral (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Uma prática dialógica mais incisiva, branda ou inexistente tem uma relação de dependência direta da mentalidade dominante entre as pessoas que fazem a gestão da escola, especialmente direção e professores. É nesse aspecto que a análise da linguagem no ambiente escolar se torna rica e promissora, pois revela os paradigmas dominantes nesse ambiente. Nesse aspecto, a linguagem auxilia a recompor os

princípios que permitem e estimulam todos os integrantes serem sujeitos e pertencentes à comunidade escolar. Assim, é necessário que as relações sociais estejam construídas sobre uma racionalidade includente e este mesmo princípio de aplica-se a escola

Referências

ALVES, G. **Capacitação em vigilância da saúde fundamentada nos princípios da educação popular**. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ARISTÓTELES. **A Política**. 2. ed. Bauru: São Paulo: EDIPRO, 2009.

BOURDIEU, P. **Ce que parlevetdire**. Paris: Fayard, 1982.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C.; SAINT MARTIN, M. **Academic Discourse**. Stanford: Stanford University Press, 1994.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L.J.D. **An invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: Chicago University Press, 1992.

Parei aqui

BUSS, P.M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.

CORDEIRO, J.C.A **promoção da saúde e a estratégia de cidades saudáveis: um estudo de caso no Recife e Pernambuco**. 262 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Ageu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FOCESI, E. Educação em saúde: campos de atuação da área. **Rev. Bras. Saude Esc.**, v. 1, p. 19-21, 1990.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Promoção da saúde**: declaração de Bogota. Brasília, 1996.

HABERMAS, Jurgen. **Teoría de la acción comunicativa**: complementos y estudios previos. 6. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011.

MYNAIO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Secretaria de Políticas de Saúde. A promoção da saúde no

contexto escolar. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n. 4, p. 533-535, ago. 2002.

MINTO, E. C.; PEDRO, Cristiane Pereira, CUNHA NETTO, Jaqueline Rodrigues da, BUGLIANI, Maria Aparecida Prioli; GORAYEB, Ricardo. Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 561-568, set./dez. 2006.

MÜHL, E.H. Habermas e a educação: racionalidade comunicativa, diagnóstico crítico e emancipação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1035-1050, out.-dez. 2011.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD (OPAS). **Escuelas Promotoras de La Salud**: entornos saludables y mejores salud para las generaciones futuras. Washington: OPAS, 1998. Comunicación para La salud, 13.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Por una juventud sin tabaco**: adquisición de habilidades para una vida saludable. Washington: OPAS, 2001. Publicación Científica y Técnica no. 579.

PAIVA, F. S.; RODRIGUES, M. C. Habilidades de vida: uma estratégia preventiva ao uso de substâncias psicoativas no contexto educativo. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. UERJ, ano 8, n. 3, p. 672-684, 2008.

PELICIONE, M.C.F.; TORRES, A.L. **A escola promotora da saúde**. São Paulo: FSP/USP, 1999. Série Monográfica, 12.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SANTOS, J.L.F.; WESTPHAL, M.F. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 5, p. 71-88, 1999.

SCHEGLOFF, E. Interaction: the infrastructure for social institutions, the natural ecological niche for language, and the arena in which culture is enacted. In: ENFIELD N.J, LEVINSON, S.C. (Eds.) **Roots of human sociality**. New York: Berg, 2006

SCHUBERT, C.; GEDRAT, D. Reflexões sobre o ensino de gramática à luz da teoria da ação de Habermas: repercussões no ensino de língua portuguesa da ação comunicativa orientada ao entendimento. **Ângulo**, n. 143, p. 37-51, 2016.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação**. São Paulo: Cortez, 2007.

ⁱConforme Watson e Gastaldo “A Etnometodologia é uma abordagem naturalista das ciências sociais, criada pelo sociólogo americano Harold Garfinkel no final dos anos de 1960. Seu principal objeto de interesse são os métodos usados pelas pessoas comuns da sociedade para dar sentido às coisas do mundo. O termo “Etnometodologia” foi criado por Garfinkel e apresentado em seu livro fundacional *Studies in Etnomethodology* (1967), referindo-se ao estudo (*logos*) dos métodos usados pelas pessoas/grupos (*ethnos*) em suas vidas cotidianas, entendidos como processos de produção de sentido. Assim, temos etno+método+logia.”

ⁱⁱEntre outras matérias sobre o assunto, veja em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/02/alunas-fazem-mobilizacao-pelo-uso-do-shorts-em-escola-de-porto-alegre.html>>

ⁱⁱⁱ Veja em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2015/04/piada-de-professor-sobre-leis-e-mulheres-gera-polemica-entre-estudantes-da-pucrs-4746132.html>>.

^{iv}Veja em <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/02/13/meu-professor-abusador-recebe-600-relatos-de-assedio.htm>>.